

Pertencimento e afetividade em *Amanhã, numa boa*, de Faïza Guène

Belongingness and affectivity in *Kiffe kiffe demain* by Faïza Guène

Pertenencia y afectividad en *Kiffe kiffe demain*, de Faïza Guène



Dionei Mathias

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.

E-mail: dioneimathias@gmail.com.

Resumo: Com foco na interseção entre pertencimento e afetividade, este artigo pretende analisar como personagens oriundas de fluxos migratórios constroem sua narrativa de identidade. Para isso, discutirá as personagens de mãe e filha no romance *Amanhã, numa boa*, da francesa Faïza Guène. Pertencimento, neste contexto, se entende como interseção social, em que a narrativa de identidade concretizada pelo indivíduo encontra aceitação e produz afetos de coesão social.

Palavras-Chave: Faïza Guène. *Amanhã, numa boa*. Pertencimento. Afetividade. Imigração.

Abstract: Focusing on the intersection between belongingness and affectivity, this article aims to analyse how characters coming from contexts of migratory flows weave their identity narration. For this purpose, it will discuss the characters of the mother and the daughter in the novel *Kiffe kiffe demain* written by Faïza Guène. Belongingness, in this context, is understood as a social intersection in which the identity narration concretized by an individual finds acceptance and produces social cohesion.

Keywords: Faïza Guène. *Kiffe kiffe demain*. Belongingness. Affectivity. Immigration.

Resumen: Con enfoque en la intersección entre pertenencia y afectividad, este artículo desea analizar como personajes que vienen de contextos de flujos migratorios construyen su narrativa de identidad. Para eso, se discutirá los personajes de la madre y de la hija en la novela *Kiffe kiffe demain* de la francesa Faïza Guène. Pertenencia, en este contexto, se comprende como intersección social en que la narrativa de identidad concretizada por el individuo encuentra aceptación y produce afectos de cohesión social.

Palabras-Clave: Faïza Guène. *Kiffe kiffe demain*. Pertenencia. Afectividad. Inmigración

Submetido em 06 de Agosto de 2019.

Aceito em 06 de julho de 2020.

Publicado em 28 de outubro de 2020.

1 Introdução

A literatura oriunda de fluxos migratórios representa uma importante tendência no mercado editorial contemporâneo. Por conta da grande mobilidade social desencadeada, muitas vezes, por crises humanitárias, conflitos armados ou instabilidades econômicas, um número cada vez maior de pessoas opta por migrar. Dentre aqueles que conseguem transpor os inúmeros obstáculos impostos para controlar a imigração, muitos acabam se estabelecendo nos países de assentamento, tentando construir uma nova existência dentro das coordenadas de um contexto cultural diferente. Isso também vale para a produção literária, onde, como afirma (REECK, 2012, p. 123), “esses escritores semearam os grãos de uma nova paisagem identitária”.¹

No caso da França, esses fluxos migratórios se intensificaram no período pós-guerra, especialmente durante os assim chamados trinta anos gloriosos de crescimento econômico (1945-1975), atraindo especialmente cidadãos de países nos quais a França teve interesses imperiais, como no Magreb. Com a crise do petróleo de 1973, a economia começa a diminuir suas atividades, impactando na entrada de imigrantes na França e, sobretudo, nos modos de participação na sociedade francesa, especialmente no que diz respeito a recursos como acesso ao mercado de trabalho ou à educação e moradia de qualidade (TUCCI, 2010, p. 6).

Os desafios enfrentados nessa interseção se diferem de acordo com a geração à qual cada indivíduo pertence. Assim, a primeira geração ainda encontra dificuldades com a língua, maiores ou menores dependendo do contexto de origem, mas também com as diferenças da socialização cultural e da administração da memória. Para a segunda geração, isto é, os filhos de imigrantes, o maior desafio reside, com frequência, na dinâmica de pertencimento, diante de afiliações culturais múltiplas. Essa multiplicidade

¹ “Ces écrivains ont semé les graines d’un nouveau paysage identitaire” (REECK, 2012, p. 123). Todas as traduções são do autor deste artigo.

não se refere somente ao pertencimento nacional, ela diz respeito também à identificação com práticas de gênero, a vetores da etnicidade, a questões de classe social ou à administração da afetividade, especificamente no contexto da identidade de grupo.

O romance *Amanhã, numa boa* (na tradução de Luciana Persice Nogueira), de Faïza Guène, retrata a complexidade da dinâmica de pertencimento. Com seu trabalho artístico, a autora, filha de imigrantes de origem argelina, representa uma importante voz na literatura contemporânea de expressão francesa. Em seu romance, Guène encena o modo como as duas gerações interagem entre si e, especialmente, com outros atores sociais, pertencentes ao grupo dominante. A partir da perspectiva de uma jovem adolescente que vive no subúrbio de Paris, o leitor mergulha numa realidade vista e interpretada por uma representante da segunda geração de imigrantes. O contexto da protagonista não é uma história de segurança social. Pelo contrário, o que o leitor encontra agora são os inúmeros desafios no processo de integração e obtenção dos diferentes capitais necessários para a construção de estabilidade material e sociocultural. Inspirada no romance *Allah Superstar*, de Y. B., Ilaria Vitali (2009, p. 174), a autora nomeia esses atores sociais de “inrangers”, isto é, alguém que se sente estrangeiro no próprio país. A protagonista de Guène definitivamente experimenta essa sensação e tenta processá-la de alguma forma.

Nesse contexto, a jovem protagonista constrói uma identidade marcada pelo princípio da oposição. O conceito de identidade é compreendido aqui como narrativa do si, organizada pelo indivíduo com a finalidade de representação social. Peacock e Holland (1993, p. 368) argumentam: “Nossa narração do si varia com as circunstâncias, com a forma do discurso e com o contexto, de modo que nosso si é visto menos como âncora e fonte de narração do que um produto dela; o si se torna discurso”.² Essa narrativa contém vários vetores, voltados, por exemplo, para questões de gênero, raça, classe, cultura ou memória. Cada um desses vetores provém de um processo de negociação social, na qual diferentes

² “one’s narration of self varies with circumstance, with discourse form and context, so that one’s self is seen less as an anchor and source of narration than a product of it; self becomes discourse” (PEACOCK; HOLLAND, 1993, p. 368).

interlocutores definem o conjunto de signos que formam a base da narrativa do si. Isto é, toda tessitura de identidade apresenta um movimento de representação empreendido pelo sujeito, que precisa ser reconhecido pelos interlocutores, aos quais atribui importância. Sem a validação desse grupo, a tessitura perde seu potencial de representação, impondo não os signos escolhidos pelo indivíduo, mas sim pelo grupo, com o qual os negocia (KÖGLER, 2012).

Essas negociações, ao mesmo que tempo que definem quais narrativas são passivas de aceitação e reprodução, definem as lógicas de pertencimento, marcando as fronteiras simbólicas dos círculos nos quais o indivíduo deseja transitar (MASON, 2004). A inclusão num determinado círculo passa pelas provas das interseções clássicas, como gênero, raça, classe, nação ou escolaridade. Esses vetores podem, mas não precisam automaticamente definir os limites de inclusão e exclusão de cada círculo. Como princípios clássicos da organização de grupos sociais, no entanto, eles frequentemente têm um impacto substancial nessas configurações, incluindo também situações nas quais elas destoam das práticas dominantes (CRENSHAW, 1989).

Um outro eixo de organização da identidade social se forma a partir das redes culturais que definem a concretização existencial do cotidiano (HANSEN, 2003). Isto é, as práticas sociais e, com elas, o conhecimento do dia a dia que ditam as regras de produção de sentidos nas interações do sujeito. Nisso, especialmente instituições como escola ou outras instâncias da organização da vida pública, mas também o lugar de trabalho, contribuem substancialmente para a condensação das regras tácitas de inclusão e exclusão. Até certo ponto, os vetores anteriormente mencionados já fazem parte dessa prática cultural, mas dado seu destaque faz sentido considerá-los separadamente.

Um elemento central para a estabilização desses círculos de pertencimentos reside no potencial de afetividade que eles trazem consigo (VOSS, 2004). Assim, uma narrativa de identidade que encontra aceitação não produz somente uma representação do si

mais coesa, ela também contém em seu cerne uma base afetiva, na qual outros atores sociais enfeixam emoções positivas em direção ao sujeito em foco. As diferentes lógicas de pertencimento vão intensificando esse princípio de investimento afetivo, na medida em que o outro se encontra em consonância com a visão de mundo do círculo almejado. Quanto mais atenção, simpatia, carinho ou amor – formas de investimento afetivo, cuja intensidade vai aumentando de acordo com a proximidade dos atores sociais – maior é a confiança do indivíduo em sua narrativa de identidade e em seu direito ao pertencimento.

Com base nesta discussão teórica inicial, queremos debater formas de concessão ou negação de pertencimento encenadas no romance de Faïza Guène e identificar as configurações afetivas que se instauram a partir dos resultados dessas negociações, com foco em três situações: a escola da protagonista, o lugar de trabalho da figura materna e o olhar da assistente social ao integrar com o grupo de imigrantes. Nos três contextos, surge uma configuração de negação de despertencimento com enfeixamentos afetivos negativos para a construção da narrativa do si. Como afirma Mehta (2010),

preocupada com questões de identidade, racismo, formação de guetos dentro de projetos de moradia decrépita, e o posicionamento social da geração beur pós-colonial da França, essa literatura também tem focado nas tensões dentro das comunidades de imigrantes do norte da África ou do Magreb, em questões de adaptação cultural, ideologias de gênero e relações interfamiliares. (MEHTA, 2010, s. p.).³

2 O contexto escolar

A escola como instituição de formação tem um papel central nas diferentes dinâmicas que administram pertencimentos. Isso

³ “Preoccupied with questions of identity, racism, ghettoization within decrepit housing projects, and the social location of France’s postcolonial beur generation, this literature has also focused on the tensions within immigrant North African or Maghrebi communities in terms of cultural adaptation, gender ideologies, and interfamilial relationships” (MEHTA, 2010, s. p.).

não diz respeito somente às formas como os diferentes atores sociais pertencentes a esse espaço interagem entre si, mas também ao modo como contribui para o repasse de capitais culturais e a inserção das novas gerações nos diferentes setores da sociedade. Em *Amanhã, numa boa*, Faïza Guène encena esse espaço e aborda seu impacto no horizonte pessoal da jovem protagonista. Assim, já no início do romance, encontra-se um episódio em que a voz narrativa autodiegética relata suas experiências na escola do subúrbio parisiense:

O Ramadã começou há pouco mais de uma semana. Tive que fazer a mamãe assinar um papel explicando porque eu não ia comer na cantina esse trimestre. Quando eu entreguei o papel pro diretor, ele me perguntou se eu tava gozando da cara dele. O diretor se chama Loiseau. Ele é gordo, burro, e, quando abre a boca, cheira a vinho vagabundo, e, ainda por cima, fuma cachimbo. No fim do dia, a irmã vem buscar a figura num carrão vermelho. Por isso, quando ele tenta bancar o diretor autoritário, fica difícil levar a sério. (GUÈNE, 2006, p. 8).

A interação entre aluna e diretor é desencadeada por conta do período do Ramadã, no qual a aluna precisa respeitar os horários de alimentação previstos na tradição muçulmana. Para isso ela leva um bilhete assinado pela mãe, a fim de informar o diretor da escola. Nesse primeiro momento, não fica claro em que reside a desconfiança do gestor. A voz narrativa reserva essa explicação para o parágrafo subsequente, criando uma lacuna momentânea que permite ao leitor criar suas suposições. Diante das muitas discussões sobre processos de integração e imigração em jornais franceses, essa estratégia narrativa abre um espaço vazio temporário, que induz o leitor a preenchê-lo de acordo com seu posicionamento diante das questões que envolvem as famílias de imigrantes na esfera extraficcional. Essa estratégia narrativa contém um mecanismo que administra pertencimentos num nível co-

municacional diferente, ao envolver o leitor e fazê-lo atualizar seus posicionamentos a partir do texto literário.

O parágrafo subsequente informa o leitor, indicando que o diretor desconfia por conta da assinatura. Esta, segundo a voz narrativa, apresenta um caráter bastante rudimentar por conta do analfabetismo da mãe. O diretor, contudo, parece imaginar sua falsificação. Esses são os vetores acionais a partir dos quais a interação é concretizada. O que interessa aqui é a atitude adotada por esses diferentes atores sociais, dentre os quais um representa o grupo dominante, enquanto a voz narrativa pertence ao grupo minoritário, moradora de um conjunto habitacional e numa situação econômica extremamente fragilizada. Já nessa interseção tem início uma gênese de pertencimento que aloca esses diferentes personagens em círculos diferentes, não somente por conta da discrepância de poder entre diretor e aluna, mas sobretudo pela origem e socialização cultural.

Embora o Ramadã não seja abordado pelo diretor nessa conversa, a tradição muçulmana não é suficiente para legitimar o pedido da aluna. Isso possivelmente não aconteceria num contexto em que a cultura muçulmana fosse dominante, pois o ritual da concretização das ações já estaria legitimado nas práticas sociais. A discrepância de poder, portanto, não reside somente nos papéis sociais ocupados pelos interlocutores, ela também se atualiza na concretização de práticas culturais, que formam um vetor de representação social da narrativa de identidade. Diante da discrepância de poder, também a distribuição de chances no que toca à definição de pertencimento sofre desequilíbrios.

Inerente a essa concretização tácita de alocação de pertencimento, encontra-se também uma dinâmica de enfeixamento afetivo. A emoção que predomina nessa interação parece ser o desprezo. Sem apreço pelo outro, a probabilidade de que ocorra sua inclusão no próprio grupo e, portanto, pertença ao mesmo horizonte de expectativas, por assim dizer, diminui substancialmente. Os atributos utilizados pela voz narrativa para descrever seu interlocutor revelam que a aluna não tem respeito por aquilo que

o diretor representa. A ausência de respeito parece compreender também a ausência de quaisquer afetos positivos, ou seja, de afetos que propiciem a coesão social e a confluência de energias sociais com a finalidade da construção de um futuro comum.

Futuro, nesse contexto, não se entende somente na sua dimensão de longo prazo, inclui também contextos próximos, precedidos pelo trabalho de imaginação e de investimento afetivo para sua concretização. De forma menos explícita e mais afeita às regras de exposição afetiva, também o diretor atualiza emoções de desprezo. Com base nessa disposição emocional, ambos caracterizam um ao outro, criando hierarquias (de respeito) em suas imagens mentais do outro. O grau de exposição dessas imagens mentais na interação depende, em grande parte, do poder ou do reconhecimento desse poder no contexto da distribuição de chances e de concretização da vida. Ao discutir construções espaço-temporais, Gonçalves e Sales (2019) escrevem:

Isto é, enquanto imigrantes, a lógica é que se vive em uma outra cidade, mesmo a cidade sendo a mesma, já que os mapas afetivos são diferentes pela questão da migração – o sentimento de não-pertencimento, nesse sentido, seria inerente à condição de estar, de fato, em um ambiente novo e muitas vezes hostil. A cidade como conhecemos não é a mesma cidade que conhecem os imigrantes periféricos. (GONÇALVES; SALES, 2019, p. 135).

Essa situação tem semelhanças com outros eixos que caracterizam sua permanência na escola, desta vez com foco nos professores:

Já na escola, o trimestre acabou tão mal quanto começou. Ainda bem que mamãe não sabe ler. Digo isso por causa do boletim... Se tem uma coisa que me deixa puta, são os professores que fazem concurso de originalidade na hora de dar nota. Resultado: cada um mais babaca que o outro... O comentário mais original que eu já recebi foi da Nadine Benbarchiche, a professora de

física e química, que escreveu: “Aflitivo, desesperador, aluna que incita à demissão ou ao suicídio...” Ela devia estar se achando engraçada. Cá entre nós, ela pegou pesado. (GUÈNE, 2006, p. 38).

O excerto, antes de mais nada, revela algo importante sobre os potenciais que a protagonista desenvolve na escola para poder participar ativamente da sociedade. Com efeito, seu êxito no processo de apropriação de conhecimentos como acúmulo de capital cultural é restrito. A mãe, dada sua inabilidade de leitura, não consegue prestar seu auxílio diante das dificuldades enfrentadas pela filha na escola. Isso tem duas implicações: por um lado, há uma diminuição drástica do escopo, no qual ela pode negociar seu pertencimento nessa sociedade. Por outro lado, surge uma rede afetiva pautada pelo princípio da frustração diante dos fracassos repetidos no ambiente escolar.

A sensação de frustração acaba formando a base para um conjunto de emoções, ainda dispersas, que se condensam num comportamento de hostilidade, voltado para os professores. Com poucas exceções, estes não medem palavras para articular seu desprezo, diante do fracasso da voz narrativa, indicando sem meias palavras que ela não vale qualquer esforço empreendido para o seu crescimento. Com isso, não sugerem apenas que a aluna não merece qualquer enfeixamento afetivo positivo, apontam também que não é digna de inclusão ao grupo que preparam para a sociedade. Essa negação de pertencimento por parte do quadro docente se reflete igualmente na posição da própria aluna, a qual não se sente ligada aos mediadores de conhecimentos. Diante desse cenário, impera o princípio de despertencimento, fundamentado por uma disposição afetiva marcada por emoções que pré-dispõem para a fragilização da coesão social e para a polarização dessa sociedade. Com o desprezo dos professores e a hostilidade, ainda dispersa e não canalizada da aluna, o espaço de interação está determinado por vetores de conflito e desestabilização.

3 Contexto profissional

Enquanto a filha está envolvida com conflitos de pertencimento na escola, sua mãe negocia questões semelhantes no ambiente de trabalho. A mãe trabalha como faxineira num motel. Sem instrução formal, isto é, sem letramento e sem formação profissional, a mãe consegue somente trabalhos mal remunerados, acentuando a situação de pobreza na qual se encontram. Junta-se a isso o fato de que seu marido a abandona e volta para o Marrocos a fim de casar-se com outra mulher. Tanto a fragilidade profissional quanto a fragmentação do relacionamento matrimonial abalam não somente a mãe, também impactam intensamente o universo da filha, que aborda esses fatos com recorrência em seu relato. Esses dois vetores, de certo modo, formam a base a partir da qual a mãe sai em busca desse pertencimento no contexto da sociedade francesa.

Há pouco tempo, mamãe começou a trabalhar. Ela faz faxina num motel do subúrbio enquanto não encontra coisa melhor. Espero que por pouco tempo. Às vezes, chora quando chega tarde da noite. Diz que é de cansaço. Durante o Ramadã, ela dá um duro ainda maior, porque no fim do jejum, lá pelas 17h30, ela tá no trabalho. Então, pra comer, ela tem que esconder umas tâmaras no uniforme. Ela chegou a costurar um bolso interno, pra ficar mais discreto, porque se o patrão visse, dava esporro. (GUÈNE, 2006, p. 9).

Diante da extrema fragilização econômica na qual a figura materna se encontra, ela se vê forçada a aceitar qualquer trabalho, a fim de poder sobreviver. Em muitas situações, o dinheiro oriundo do trabalho não é suficiente, de modo que mãe e filha ficam à mercê de doações, de roupas velhas – numa sociedade de afluência – ou de pequenos presentes, vindos de amigos, que trazem à

tona um verdadeiro tesouro de conhecimentos sobre potenciais da delicadeza humana.

Nesse contexto, o trabalho implica ao menos a esperança de pertencimento a uma comunidade de consumidores, por mais limitado que seja o poder de compra. Ao mesmo tempo, também significa pertencimento a uma comunidade de atores sociais que conseguem ter o êxito mínimo, em direção à autonomia e à possibilidade de definição da vida. Por mais provisório que esse emprego seja e por mais degradante que a situação se revele para a mãe, o acesso ao mercado de trabalho lhe abre um novo leque de possibilidades de pertencimento, bem diferente daquilo que estava previsto nas concepções tradicionais marcadas pelas interseções de gênero, imigração, classe e formação. A remuneração certamente é insuficiente para cobrir os gastos mínimos que ela tem para sustentar a si e a sua filha, mas, ao mesmo tempo, essa nova situação lhe ensina que pode ser independente da figura do marido e que, como mulher imigrante, ela consegue participar da sociedade. A base desse pertencimento certamente é frágil e instável, mas é pautado por ele que essa personagem reúne a energia afetiva para pensar em alternativas. De certo modo, é esse princípio de autoconfiança que a leva posteriormente a um curso profissionalizante e de alfabetização. Formação e apropriação de conhecimentos, não somente neste contexto, são a chave para transformações.

A disposição afetiva que acompanha esse processo de busca pelo pertencimento está marcada por tristeza e resignação. Dadas as limitações que se vê forçada a aceitar, a mãe não tem muitas outras alternativas para dar conta de seus desafios sozinha, produzindo uma sensação de resignação, ao menos, temporária. Ao mesmo tempo, o choro presenciado pela filha indica a sensação de tristeza que caracteriza essa fase de sua existência. Com efeito, a mãe experimenta, com alguma frequência, um sentimento de impotência, o que implica o conhecimento de não deter a agência necessária para adotar um rumo diferente daquele em que se vê imersa. A comicidade que caracteriza o relato da filha, em grande

parte, representa uma estratégia de mascarar essa sensação de impotência. Essa comicidade se evidencia, sobretudo, no modo como a protagonista faz uso da língua coloquial e do registro familiar, oferecendo resistência por meio da mixagem linguística. Em sua análise tradutológica, Luciana Persice Nogueira (2018, p. 34) discute as diferentes práticas que perpassam o texto.

Um segundo eixo presente nessa citação se forma em torno do Ramadã. Como a situação no espaço escolar, também aqui as possibilidades de viver essa tradição no contexto de uma sociedade que não é majoritariamente muçulmana são limitadas. O respeito a essa tradição representa um pilar central na concepção da identidade cultural da figura materna. Ao empreender um grande esforço em respeitar as normas dessa tradição, mesmo num espaço em que a vigilância social por pares se encontra reduzida, a mãe dá a entender que essa tessitura cultural contém uma narrativa que forma a base de sua sensação de pertencimento. Assim, apesar das estratégias de disciplinamento empreendidas pelo chefe a fim de eliminar comportamentos que não estão em consonância com sua visão de mundo, ela procura por formas de harmonizar as exigências, sem romper com as expectativas de cada grupo.

Com isso, o espaço onde desempenha sua profissão não prevê a possibilidade de manutenção de narrativas, às quais representantes de grupos minoritários conferem importância. Ele impõe e exige obediência às práticas sociais ideadas e instauradas pelo grupo majoritário, condicionando a chance de participação do mercado de trabalho administrado por ele à renúncia de práticas culturais das quais não compartilha. A desobediência às regras previstas nesse espaço produz uma malha afetiva, marcada por hostilidade e emoções que estimulam a ruptura. Com isso, o “esporro” não representa somente uma técnica de punição, ele também contém vetores de administração afetiva que negam o pertencimento, sugerindo a exclusão daquele membro do grupo representado pelo chefe.

A discrepância de poder também produz medo, dada a constância da ameaça e seu potencial de destruição da base existen-

cial da mãe. Esse medo conduz não somente à renúncia da afirmação cultural, o que acontece quando a mãe procura esconder as tâmaras, ele também é responsável por outros silenciamentos, impedindo a formação de uma rede densa de pertencimento. Isso ocorre, por exemplo, no episódio em que suas colegas de trabalho se decidem pela greve, diante das condições de trabalho:

A responsável pela greve no motel é Fatouma Konaré, uma colega com quem mamãe se entende bem. Ela me disse que, no início, achava que “Fatoumakoaré” era o nome dela, e achava ele meio grande... Fatouma começou a trabalhar no motel de Bagnolet em 1991. Nessa época, eu nem sabia dar laço no sapato. Foi ela quem começou a dizer, em alto e bom som, que as mulheres eram exploradas naquele emprego. Mamãe me falou que ela bem que gostaria de participar da greve com as outras mulheres do motel, mas não dava. Fatouma e as outras têm marido pra ajudar, mas a gente é sozinha. Resultado: como a maioria das outras arrumadeiras estão em greve, mamãe tem mil vezes mais trabalho. (GUÈNE, 2006, p. 55).

Ao contrário da mãe, a condição socioeconômica de outras mulheres permite movimentos de resistência, suscetíveis a sanções como a demissão ou outras formas de punição que desestabilizam a existência. Assim, o suporte econômico de outros membros da família permite a gênese de uma voz própria, responsável pela própria agência, que não somente questiona as práticas de administração de pertencimento – neste caso do espaço de trabalho e sua distribuição de chances – mas vai além, criando novas esferas que permitem reconfigurar as formas de pertencer. Com efeito, esse novo círculo que enfeixa energias afetivas tem seu núcleo na atividade política, esta pautada pela reivindicação de direitos trabalhistas.

Para a figura materna, esse movimento representa um vetor de identificação, portanto, também de desejo de pertencimento.

O que neutraliza esse desejo, bloqueando o movimento de aproximação, é sua fragilização econômica. Essa constelação social contribui para a intensificação da sensação de medo, o qual impede o pertencimento com o lugar de trabalho atual, mas também bloqueia sua aproximação a esse novo círculo social. O resultado dessa disposição afetiva é, antes de mais nada, a delegação da agência a outras colegas, as quais assumem os riscos inerentes à formação dessa tessitura política. Por outro lado, implica um aumento da carga de trabalho, uma vez que o chefe percebe que sua estratégia de controle e punição funciona, podendo definir o que a figura materna vai fazer. Com isso, sua sensação de pertencimento permanece fragilizada e dispersa, mudando somente no momento que recebe a chance de se alfabetizar e se profissionalizar, o que proporciona novas possibilidades de pertencer, mas também de construir sua autoconfiança e articular sua própria voz.

Considerações finais

A sensação de pertencimento parece sempre estar atrelada a malhas afetivas. Essa disposição de afetos pode ser constituída de afetos positivos, os quais estimulam coesão social e afirmação existencial, ou afetos negativos, os quais tendem a desfazer elos do convívio pacífico e criar configurações emocionais que negam a existência. Em seu romance, Faïza Guène encena essa dinâmica, mostrando suas implicações em vários setores da vida em sociedade. Com foco em dois eixos – escola no caso da jovem protagonista, local de trabalho no caso da figura materna –, a dinâmica de pertencimento se revelou complexa, com vetores múltiplos definindo as narrativas de identidade, a partir das quais se negocia o desejo de pertencer.

Em determinado momento do enredo, a protagonista afirma: “O que quer dizer que não são só o rap e o futebol. O amor também é uma maneira de sair fora de roubada” (GUÈNE, 2006, p. 142), mais tarde ela ainda adiciona, de certa forma, o poeta Rim-

baud, como representante da produção artística e literária, a essa lista de exemplos (GUÈNE, 2006, p. 175). Todos esses exemplos indicam alguns nichos, nos quais representantes oriundos de contextos migratórios conseguiram alcançar êxito e, sobretudo, pertencimento. O romance *Amanhã, numa boa* encena essa mesma busca, mostrando os obstáculos, as exclusões, mas também os sucessos. Nisso, toda forma de pertencimento ou sua negação produz malhas afetivas que têm impactos sobre a narrativa de identidade daquele que a busca.

Referências

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. **University of Chicago Legal Forum**, v. 1989, n. 1, p. 139-168, 1989, article 8.

GONÇALVES, Davi; SALES, Kall Lyws Barroso. “Como se Deus estivesse cuspiendo na gente”: o estigma da exclusão em *Amanhã numa boa* (Guène, 2006). **Entrelaces**, v. 1, n. 18, p. 131-146, 2019.

GUÈNE, Faïza. **Amanhã, numa boa**. Tradução: Luciana Persice Nogueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

HANSEN, Klaus P. **Kultur und Kulturwissenschaft**. 3. ed. Tübingen/Basel: A. Francke Verlag, 2003.

KÖGLER, Hans-Herbert. Agency and the Other: on the intersubjective roots of self-identity. **New Ideas in Psychology**, v. 30, n. 1, p. 47-64, 2012.

MASON, Jennifer. Personal narratives, relational selves: residential histories in the living and telling. **The Sociological Review**, v. 52, n. 2, p. 162-179, 2004.

MEHTA, Brinda J. Negotiating Arab-Muslim identity, contested citizenship, and gender ideologies in the Parisian housing projects: Faïza

Guène's Kiffe kiffe demain. **Research in African Literatures**, v. 41, n. 2, s. p, 2010.

NOGUEIRA, Luciana Persice. Tradutor remixador: a experiência de traduzir "Amanhã Numa Boa", de Faïza Guène. **Non Plus**, v. 7, n. 13, p. 31-44, 2018.

PEACOCK, James L.; HOLLAND, Dorothy C. The Narrated Self: Life Stories in Process. **Ethos**, v. 21, n. 4, p. 367-383, 1993.

REECK, Laura. La littérature beur et ses suites. **Hommes et migrations. Revue française de référence sur les dynamiques migratoires**, v. 1295, n. 1, p. 120-129, 2012.

TUCCI, Ingrid. Les descendants de migrants maghrébins en France et turcs en Allemagne: deux types de mise à distance sociale? **Revue française de sociologie**, v. 51, n. 1, p 3-38, 2010.

VITALI, Ilaria. De La Littérature Beure à La Littérature Urbaine: Le Regard Des 'Intrangers'. **Nouvelles Études Francophones**, v. 24, n. 1, p. 172-183, 2009.

VOSS, Christiane. **Narrative Emotionen: eine Untersuchung über Möglichkeiten und Grenzen philosophischer Emotionstheorien**. Berlin: de Gruyter, 2004.